

PRECURSORAS DA LITERATURA GOIANA

Eliane Vasconcellos¹

As nossas histórias literárias, publicadas no século XX, não se detêm na literatura de autoria feminina produzida no século XIX. Limitam-se a citar alguns nomes, como o de Adelina Lopes Vieira, Albertina Berta, Ana Faço, Ana Ribeiro de Góis Bettencourt, Ângela do Amaral Rangel, Auta de Sousa, Beatriz F. Brandão, Carmem Dolores, Carolina Nabuco, Delfina da Cunha, Emília de Freitas, Francisca Clotilde, Francisca Julia, Gilka Machado, Julia Cortines, Julia Lopes de Almeida, Maria Firmina do Reis, Narcisa Amália, Natércia Freire, Nísia Floresta, Rosália de Castro, Teresa Margarida da Silva e Orta. Nossas escritoras vão aparecer de forma sumária nos dicionários de literatura e, mais recentemente, Nelly Novais Coelho, lhes concede espaço no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. Entretanto, desde os anos 80 do século passado, um grupo de pesquisadoras de todo o Brasil vinculadas à linha de pesquisa denominada Resgate, tem trabalhado no sentido de dar acesso à obra destas escritoras e de divulgá-las em âmbito nacional.

Por meio dos ensaios de Gilberto Mendonça Teles, crítico dos mais conceituados, travei contato com a literatura goiana. E muito marcou o meu espírito, seu artigo “A mulher nas letras de Goiás”, no qual faz um resumo da situação da mulher e sua participação no cenário cultural de seu Estado. Elas fizeram reivindicações políticas e, mais do que os homens, lutaram pela criação da Academia de Direito na cidade de Goiás, então capital do Estado do mesmo nome. Entre os tantos nomes de destaque da escritura de autoria feminina naquele Estado,

¹ Doutora em Letras. Pesquisadora titular da Fundação Casa de Rui Barbosa e professora titular do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

quero salientar o de duas precursoras Honorata Minelvina [sic, com l na folha de rosto] Carneiro de Mendonça e Eurídice Natal. Minha intenção ao divulgar a obra dessas goianas reside no fato de a primeira só ter um livro publicado e de difícil localização; e a segunda, por seu pioneirismo intelectual, pois, como se sabe, foi pioneira da fundação na cidade de Goiás, em 1904, de uma Academia de Letras, da qual foi também a primeira presidente.

HONORATA MINELVINA CARNEIRO DE MENDONÇA nasceu na Província de Goiás e é considerada a primeira escritora da região a estrear em livro. Seu primeiro trabalho publicado foi *A redenção*, em 1875. Trata-se de poesia de caráter religioso. Já Sacramento Blake, em seu dicionário diz que a poetisa nasceu no Piauí², entretanto o autor deve ter-se equivocado, pois na folha de rosto do livro de Honorata encontramos a seguinte inscrição: “Natural da província de Goiás”. E em *O Domingo*, semanário literário e recreativo de propriedade de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, podemos ler no número de 2 de maio de 1875 a seguinte nota:

A redenção

A nossa colaboradora e amiga, a jovem d. Honorata Minervina Carneiro de Mendonça, natural de Goiás, escreveu sob este título um poemeto em seis cantos e um proêmio.

O Domingo tem por vezes publicado produções poéticas ligeiras dessa jovem esperançosa que, ainda não desiludida, veio alistar-se na fileira daquelas que, ultrapassando os deveres do seu sexo, a agulha e o *ménage!* entregam-se ao cultivo das letras.

E a nossa amiga neste seu trabalho, mais succulento e de maior fôlego, canta o *Homem Deus* que tanto sofreu e padeceu para remir a nós pecadores.

Saudamos a nossa ilustrada amiga pela escolha que fez do assunto, e pelo primor com que elevou a religião católica que é — a do Estado — e com que fomos amamentadas.

E humildemente lhe pedimos que não arrefeça no seu zelo, e no seu amor pelas letras; e outrossim lhe agradecemos a oferta que nos fez de um exemplar do seu valioso livrinho.

2 Nelly Novaes Coelho repete as informações de Sacramento Blake.

Por outras informações colhidas também em *O Domingo*, de 15 de novembro de 1874, ficamos sabendo que Honorata Minelvina pretendia publicar outro livro com o título de *Segredos do coração*, onde reuniria seus poemas divulgados tanto nesse periódico como em outros. Seria um volume de 250 páginas, brochura francesa e nele apareceriam também poemas de sua irmã Maria Leonilda Carneiro de Mendonça, entretanto não conseguimos localizar o volume que provavelmente não foi publicado.

Entre os periódicos da época, pesquisados por nós, só encontramos seus trabalhos em *O Domingo* e no *Jornal das Famílias*.

O estudo da produção literária feminina no século XIX, no Brasil, vale inicialmente pela pesquisa, pela revelação de uma atividade que se queria nos quadros da literatura, isto é, da poesia, do romance e da crônica jornalística. A aura de escritor não só atraía a mulher como lhe abria a possibilidade de exibir seu talento fora das lides puramente domésticas. Mas serve também para confirmação de que sem a liberdade sociocultural dos homens, sem o exercício intelectual ativo dos moldes literários, da boêmia acadêmica e de um engajamento total na literatura, a produção literária de mulheres, tanto no Romantismo quanto no Realismo, deixou sempre a desejar, razão pela qual raramente é citada na crítica e na história literária. Apenas os manuais bibliográficos as mencionam, quase sempre antecidas de adjetivos laudatórios. Às vezes nem aparecem, como é o caso de Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, que se diz de Goiás, mas onde até bem pouco tempo era uma ilustre desconhecida³.

3 De acordo com Nelly Alves de Almeida, em *Análises e conclusões* (Goiânia: Cerne, 2º vol., 1988), Maria do Rosário de Moraes Teles encontrou na Biblioteca Nacional de Lisboa um exemplar de *A redenção*, de 1875, e o doou à biblioteca de seu cunhado José Mendonça Teles.

O curioso nesta escritora é que todos os seus poemas a que tivemos acesso estão datados de 1869, 1874 e 1875, num momento de transição cultural, quando a ideologia e a estética do Romantismo já não se sustentavam plenamente e as do Realismo começavam a influir no pensamento dos novos escritores. A obra de José de Alencar se concluía e a de Machado de Assis tentava prolongar nos seus dois romances iniciais os temas femininos do seu predecessor. A pequena obra “poética” de Honorata pode ser vista como signo da visão popular da literatura nesse momento. É preciso, no entanto, levar em conta a pouca idade da escritora, a crer no que se lê na nota de *O Domingo*.

O certo é que, entre 1874 e 1875, ela atuou bastante num dos jornais do Rio de Janeiro e chegou à publicação do poemeto religioso em seis cantos e um proêmio, *A redenção*, sem maiores predicados literários. Não soube renovar o tema cristão e não demonstrou um bom domínio de técnica e de linguagem, como também deixam a desejar a unidade e a estrutura de seu livro. Há, no entanto, uma ingenuidade lírica na sua concepção religiosa que acaba agradando o leitor, como em alguns versos do segundo canto, onde a forma popular da redondilha maior ajuda na expressão quase intertextual do tema bíblico e onde se vê uma possível dicção do condoreirismo que havia morrido com Castro Alves:

Retumbante foi o brado,
Dos prodígios se plasmou!
Quando o pobre de cajado,
Em Doutor se transformou!
Sem temer a tirania,
Que ao povo oprimia!

Mais interessantes, porém, são os seus poemas esparsos, nos quais a ingenuidade simbólica da religião cede lugar à da espontaneidade na seleção de temas como

o do “cachorrinho”, a adoção do estilo de Gonçalves Dias em “Não leiam”, o tom casimiriano de “A goiana” e, sobretudo, os seus poemas levemente humorísticos em forma de charada e de epigrama, pela obscuridade proposital que revelam.

De Honorata conhecemos apenas três textos em prosa, um escrito para *O Domingo*, o artigo “As escolas mistas”, o prefácio a seu livro de poemas e “Mosaico: estudos geodésicos descoberta importante na geografia do Império”, publicado no *Jornal das Famílias*.

Em “As escolas mistas” ela expõe os motivos que a levam a acreditar que o ensino de meninos e meninas juntos só poderá beneficiar a ambos, pois, para ela, desde o início haverá o sentido do respeito e de compreensão mútuos. E a mulher, sendo responsável pela educação nas escolas mistas, estará viabilizando o ensino elementar e garantindo um lugar no mercado de trabalho. Honorata toma inicialmente a defesa do sexo feminino escrevendo que o deputado A. Brandão fazia “justiça ao sexo mesquinamente espezinhado”, referindo-se a uma “plêiada [sic] notável de heroínas do século XIX, que se esforça por ver realizado o problema da emancipação da mulher” e elogiando-o por pensar o ensino e a educação dos dois sexos pela mulher. É por aí que ela defende a escola mista e apóia as palavras melífluas do deputado Brandão, representante da Província do Rio de Janeiro.

Em seguida, na segunda parte do seu artigo, Honorata discorre sobre o desempenho da mulher ao longo da história e, com sua linguagem preciosa, fala em “Flor perfumosa da existência do homem”, diz que a mulher é o “berço da religião mais filosófica e sublime da poesia e simplicidade” e termina informando que “Entre nós porém só podem sobressair como cantoras, poetisas, escritoras, atrizes, pianistas, parteiras, enfermeiras,

irmãs de caridade, damas de salão, enfeite de sala! o mais lhe é vedado”. A ingenuidade e o cuidado que enumera essas profissões não a deixavam ver outras profissões da mulher num nível mais baixo da sociedade, como por exemplo as empregadas domésticas, as criadas e, por que não as prostitutas?, como ela mesmo admite na terceira parte do artigo.

Aí desenvolve duas outras razões pelas quais prefere a professora para as escolas mistas. Começa por achar que a mulher é melhor, é “mais religiosa por natureza” e, em consequência atua como mãe, podendo assim — segundo o seu pensamento — começar mais cedo a alfabetização. Termina de maneira judiciosa, examinando a mútua convivência dos sexos:

Ao prejuízo do perigo da reunião dos dous sexos, responde-se com a experiência que nos ensina que há mais perigo na educação isolada para depois se colocar um sexo em frente do outro. Na escola mista os dous sexos acostumam-se a respeitar-se, e a amarem-se mutuamente, o menino aprenderá desde logo que é o defensor nato da mulher, seu conselheiro, que tem de viver por ela e para ela, que sem ela não realizará o fim para que foi posto ao mundo, que tem de ser a mãe de seus filhos, a sua companheira nas lides da vida, e que, portanto, lhe deve o respeito mais religioso que se possa prestar a um ente terrestre destinado a uma missão sublime.

No “Prefácio” que escreveu para o poemeto revela também boa expressão de pensamento e tem consciência de que o livro escrito por mulher precisa ser apadrinhado, mas, diante do que ela mesma chamou de “o século da descrença”, a única saída que ela vê é tomar como padrinho o objeto de seu poema — Jesus Cristo. Assim espera que “o público sensato dê o valor literário” que o livro merecer. Diz não aspirar “às glórias do Parnaso” e se dá por satisfeita se ele “for aceito como uma franca e livre manifestação dos sentimentos religiosos”.



Por aí se vê o que poderia ter feito essa mulher goiana se não tivesse “desaparecido” tão cedo e que, ao contrário do poeta português, tinha certeza de que:

A goiana nunca mente,
Eu nem conto o que eu vi!

Em 23 de novembro de 1883, nasceu também em Goiás a escritora Eurídice Natal e Silva, filha de Joaquim Xavier Guimarães Natal e de Ângela de Bulhões Jardim, familiarmente conhecida como Dice; faleceu, em 31 de agosto de 1970. Quanto à sua educação, ficou por conta de seu pai. A própria escritora relembra:

Mesmo assoberbado com esses trabalhos tão rudes, não descurava meu pai da nossa educação e instrução. À noite, à luz de um grande candeeiro de latão, assentado à cabeceira da mesa de jantar e rodeado por nós, nos ensinava com punhados de farinha, geografia física, formando os continentes, ilhas, cabos, etc.; depois com bagos de milho ou de feijão, ensinava-nos as 4 operações, praticamente. A mim que era mais velha já ele ensinava a ler e a escrever⁴.

Seu gosto pela leitura vem também da influência do pai. Este costumava levar para o Retiro Saudoso, chácara perto da capital, onde a família passava o verão, “as melhores obras de autores diversos, e, à noite, reunida a família na salinha de jantar, lia-nos em voz alta, em agradáveis serões”⁵. Sua formação foi completada depois com os professores Manuel Caiado, português e latim; Augusto Rios, francês; Eckigrou, inglês e Ferreira, geografia.

Em 1904, teve a iniciativa de conclamar alguns intelectuais da cidade de Goiás, então capital do Estado, a fundar a Academia de Goiás. Foi a primeira mulher a ser eleita e a presidir uma academia de letras no Brasil, indo, assim, contra o modelo francês. Em 12 de outubro daquele ano, tomou posse no palácio Conde dos Arcos, quando proferiu um discurso em homenagem ao patrono da sua cadeira, Bartolomeu Bueno da Silva, o filho. À noite deste mesmo dia, Eurídice, então com 19 anos, é homenageada na casa do médico José Neto. Sobre esta ocasião, em palestra realizada na Academia Goiana de Letras, diz-nos Moema de Castro e Silva Olival, neta da escritora:

4 SILVA, Eurídice Natal. *Traços biográficos de Guimarães Natal*. Goiás: Popular, 1937, p.8.

5 *Id.*, *Ibid.*, p. 16.

A cena – noticiada pelo *Jornal de Goiás*, alguns dias depois – frisa o tom ingênuo, puro e romântico da cerimônia, como o do momento em que Eurídice foi ovacionada, por “mimosas goianinhas” com jasmims desfolhados e pétalas de rosas brancas, que recobriam “o branco vestido de d. Eurídice”⁶.

Nesse sentido, ainda é interessante notar que tanto a fundação da Academia quanto a posse de Eurídice só foram noticiadas, no Rio de Janeiro, dois anos depois. Sobre isso, sua neta, nos informa:

Curioso mencionar que a notícia da Fundação da Academia e posse de Eurídice, só foi noticiada pelo *Almanaque Brasileiro Garnier*, à p. 415, no Rio, dois anos depois, em 1906; aliás, não direi “só” porque o ritmo, é bom lembrar, é o daqueles tempos⁷.

A Academia fundada por Eurídice desapareceu em 1908. A atual Academia Goiana de Letras, inaugurada, em 1939 escolheu a escritora para patrona da cadeira 31 e, mais tarde, a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, fundada em 1969, homenageou-a, também como patrona da cadeira 11.

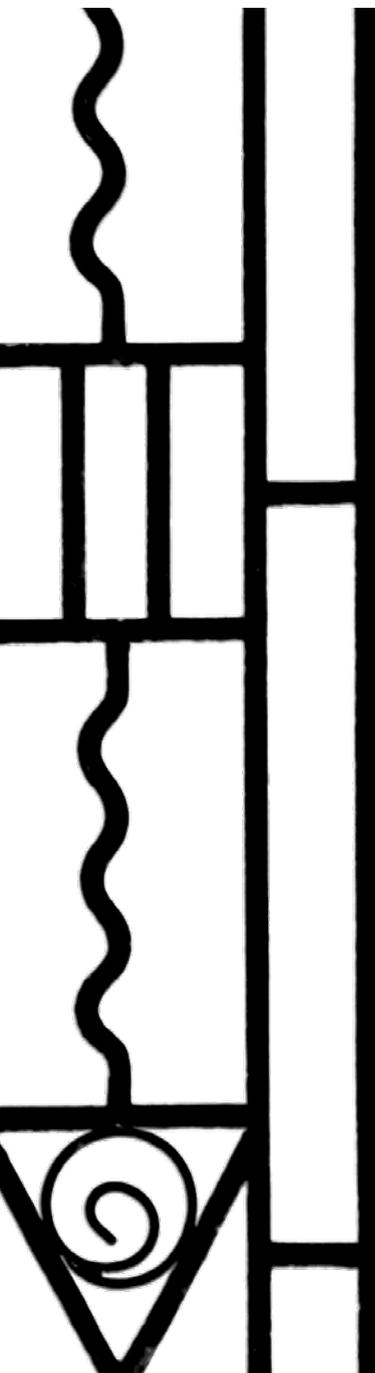
Gilberto Mendonça Teles fala da importância da academia fundada em 1904, sob a liderança de Eurídice Natal:

A Academia de Letras, fundada em 1904, na cidade de Goiás, não deixou de ser uma decorrência da criação da Academia brasileira, em 1897, mas se revestiu de muita importância para Goiás, mesmo que, por si mesma, nada tenha feito que valesse a pena registrar. Mas o gesto inicial da Fundação revela que havia uma pequena sociedade literária e que esta procurava mudar; que começava a haver trocas de idéias, leituras, desejos de publicação e até sonho de uma agremiação literária. E revela mais a presença de uma liderança feminina, no momento mesmo em que a luta em prol da emancipação da mulher tinha o seu espaço garantido nos principais jornais do país. Mas Eurídice não só ajudou a fundar a Academia, tornou-se sua presidente. Este fato coloca a mulher de Goiás em vantagem com relação às mulheres escritoras que existiam em várias partes do Brasil⁸.

6 V p. 2 de “Eurídice Natal e Silva: cem anos de fundação da Academia de Letras de Goiás”, palestra de Moema de Castro e Silva Olival, pronunciada na Academia Goiana de Letras, em 7 de outubro de 2004

7 *Id. ibid. loc. cit*

8 “Goiás versus Brasil”. Texto sobre a vida literária da cidade de Goiás, integrante do dossiê enviado à UNESCO para a obtenção do título de Patrimônio Histórico da Humanidade para Cidade.



Em 25 de maio de 1905, Eurídice Natal casa-se com o dr. Marcelo Francisco da Silva, natural de São José do Tocantins, filho do coronel Paulo Silva e de dona Teodolina T. Silva. O casal teve 12 filhos, 34 netos e 37 bisnetos.

Em setembro do mesmo ano, Guimarães Natal é nomeado ministro do Supremo Tribunal e se prepara, juntamente com a família, para partir em direção o Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Na mesma época, o marido de Eurídice, que deixara a Procuradoria da República, em Goiás, e se elegera deputado federal, aproveita para integrar a caravana do sogro que se transferia para a capital do país, onde, ambos, deveriam tomar posse de seus novos cargos. Nas palavras de Eurídice, no Rio de Janeiro, Marcelo Silva, seu marido, organizou casa e veio buscar toda a família.

Era uma caravana de 30 pessoas, entre os membros da nossa numerosa família e os arrieiros, cozinheiro, condutor de bangüê ou liteira, em que viajava a minha avozinha materna, de mais de 80 anos de idade. A avó paterna, mais moça e bem robusta ainda, viajava a cavalo mesmo. De Goiás a Uberlândia, nesse tempo Uberabinha, fizemos a viagem a cavalo, debaixo de chuvas copiosas e constantes; nem um só dia de soll... Gastamos 20 dias nesse percurso, e vinte dias de sofrimentos e cansaças. Dormíamos sob tendas, armadas, em geral, próximo a alguma fazenda, onde comprávamos frangos, ovos e gêneros que faltavam à comitiva. Com que repugnância envergávamos os trajes de viagem, ainda úmidos de véspera! E os calçados?! Havia dificuldade até em acender fogo, nas trempes improvisadas, onde o nosso cozinheiro – o Cantuária, conhecido em todo Estado, pela prática e arte no ofício culinário – preparava as nossas refeições.

Apesar de tudo isso, havia bom humor geral e, muita vez, esses contratempos serviam de motivo a boas piadas, que provocavam hilaridade em todos.

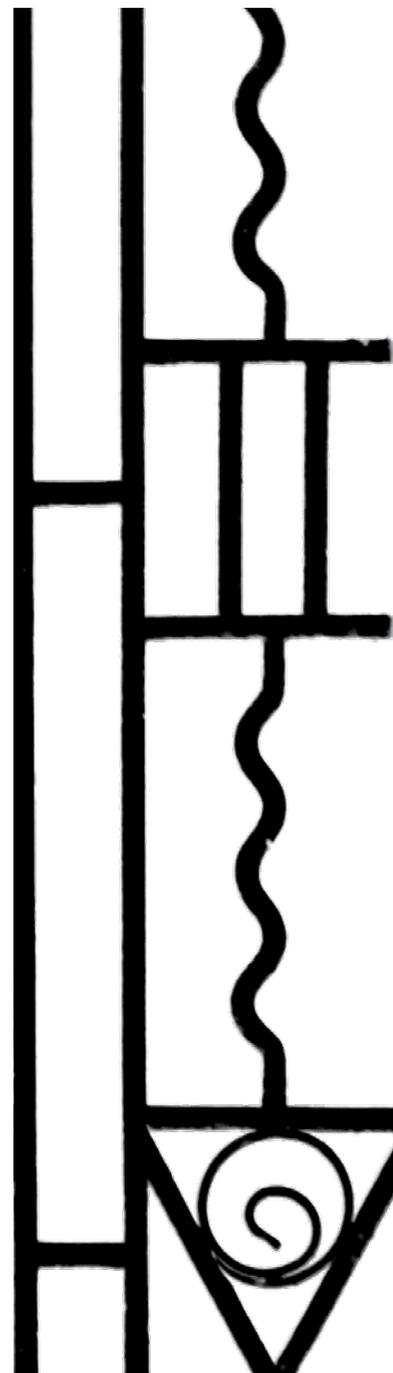
Chegamos ao Rio numa quinta-feira Santa. Reencontrar o conforto de um centro civilizado parecia-nos até um milagre⁹.

9 SILVA, Eurídice Natal. *Traços biográficos de Guimarães Natal*. p.17-18.

No Rio de Janeiro, Eurídice morou com os pais à Rua Desembargador Isidoro, 45, onde nasceu a primeira filha do casal, Écide. Quando Guimarães Natal e dona Ângela Bulhões mudaram para Petrópolis, a escritora passou a viver, com o marido e a filha, na rua Conde de Bonfim. Por motivos de saúde, em 1914, regressa para Goiás, com a família. Em abril de 1932, viaja, com os filhos Écide e Paulo, para o Rio de Janeiro, em visita à mãe e ao pai. Foi a última vez que os viu, morreria logo depois.

Eurídice Natal começou a escrever aos 19 anos. Usou o pseudônimo de Ciná de Talueri. Escreveu no *Jornal de Goiás*. Foi contista e memorialista, tendo sua obra reunida e editada por sua filha Eurídice Silva Juliano. Deixou-nos dois livros: *Traços biográficos de Guimarães Natal* (1934), que narra suas experiências como filha do famoso ministro do Supremo Tribunal Federal, Guimarães Natal (hoje, nome de rua, no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro); e *Notas de viagem ao Araguaia* (1939), sobre uma viagem realizada com sua família ao famoso rio que separa Goiás de Mato Grosso.

Em *Traços biográficos*, Eurídice Natal e Silva apresenta-nos o pai, “homem forte, acessível e de uma palestra brilhante”, definido pelo jornal *A Tribuna Livre* como um “feliz conjunto de excelentes qualidades, unindo às belas disposições de caráter a uma vasta, clara inteligência e pronunciada vocação para os estudos”. Nasceu da união de Luís Pedro Xavier Guimarães e Leonor Gertrudes Fialho Guimarães, em Goiás, a 25 de dezembro de 1860. Aos nove anos, graças à sua dedicação aos estudos e sua agudeza intelectual, deixa a escola e entra para o Liceu. Cinco anos mais tarde, aos 14, seu pai, desejando ver o filho formado em Leis, leva-o para São Paulo, a fim de que se matricule na Faculdade de Direito. O sonho teve de ser adiado, porém: Luís Pedro acometido de febre amarela, contraída no caminho, vê-se obrigado a voltar para casa levando consigo o filho. Na cidade de Goiás depois de malsucedido tratamento, expira, aos 39 anos.



Guimarães Natal, perseguindo o sonho do pai, ingressa e se forma na famosa Faculdade de Direito de São Paulo. De regresso à sua terra, abre um escritório de advocacia. Imbuído de idéias antimonarquistas, fundou o Primeiro Núcleo Republicano de Goiás, além do jornal *Brasil Federal*, foi disseminador do ideário republicano, o que lhe valeu alguns dissabores na vida de magistrado.

A 11 de setembro de 1905, é nomeado Ministro do Supremo Tribunal. Muda-se com a família para o Rio de Janeiro, onde, quatro anos mais tarde, torna-se Procurador Geral da República.

Enfim, Eurídice encontra, ao biografar Guimarães Natal, uma forma de homenagear o grande homem, o grande político, o pai de família exemplar, usando tons romanescos, para revestir-lhe os atos e as ocorrências da vida. Exemplo disto ocorre quando descreve a comemoração de suas bodas de ouro, quando Guimarães Natal dirige à mulher estas palavras:

Cinqüenta anos!!! Quantos momentos de suprema felicidade, mas também quantos de angústia suprema e de duras provocações encerram! ... Relembra-los é de novo gozar os primeiros, como sofrer de novo os segundos; mas não posso deixar de aproveitar a solenidade que esta comemoração me depara e que congrega, na intimidade deste almoço, filhos, netos, irmãos e parentes para saudar, com o testemunho deles, a enorme dívida de profunda gratidão que tenho para a companheira que partilhou os maus momentos, cheia de coragem estóica [...] Permitam-me que assinale esse fato como a maior homenagem que eu poderia prestar à heroína desta comemoração, e que preside a este almoço íntimo, ao corresponder ao brinde que a ambos nós é dirigido.¹⁰

De vez em quando, a narrativa biográfica se prende a fatos obtidos, por certo, das histórias e anedotas que circulavam no meio familiar, como esta em que se relata um episódio da infância de Guimarães Natal e exemplifica o modo rígido como se educava a criança:

Por mais que meu pai lhe [ao avô de Eurídice] rogasse, lhe promettesse nunca mais estudar no quintal, vendo o seu cavalinho comer, o meu avô não cedeu; não se comoveu diante das lágrimas copiosas da criança, que via se desfazer um sonho ardente, que por dias vira realizado!¹¹

¹⁰ *Idem, ibidem*: 33-4.

¹¹ *Idem, ibidem*: 33.

Ao longo da obra, a escritora demonstra uma veemente preocupação com o relato minucioso dos acontecimentos, indicando o dia, o mês, o ano e até a hora em que estes se desenrolaram. Vejam-se alguns trechos:

Em 1933, a 2 de fevereiro, festejavam meus pais as suas Bodas de Ouro. Contavam reunir; então, no Rio, netos e bisnetos. Por incômodos de saúde, nós, os de Goiás, não pudemos vir.¹²

Só a 30 de maio, se resolveu tomá-lo [o remédio], à meia noite, para combater uma terrível insônia. Dormiu 7 horas a fio, acordou contente, coitado!¹³

Mas o valor literário desta obra é quase nulo. Ela funciona como um documento do período pós-republicano, com a sua política de afirmação do regime democrático. Sua importância maior reside no fato de a autora eventualmente dar subsídios históricos importantes, como é o caso da transcrição que faz do Manifesto dos Candidatos do Centro Republicano de Goiás, do qual apresentamos os trechos abaixo:

Manifesto dos Candidatos do Centro Republicano de Goiás

A gloriosa revolução de 15 de novembro, fazendo rolar para as profundezas da história o trono da dinastia brasileira, enorme entrave que se antepunha ao progresso social e político da pátria brasileira,— rasgou novos e dilatados horizontes à democracia americana. [...]

É animados desses intuitos [seu pai e outros candidatos à Constituinte nacional] que nos apresentamos ao corpo eleitoral do Estado, que tão espontaneamente indicou os nossos nomes para a composição da chapa

do *Centro Republicano*; e confiados na sinceridade da indicação, que simboliza um perfeito acordo de sentimentos e idéias, esperamos que conosco saia triunfante das urnas larga e fecunda política, regeneradora da pátria.

Goiás, 2 de Julho de 1890¹⁴

Notas de viagem ao Araguaia, de Eurídice Natal, divide-se em três partes. Na primeira, encontra-se um pequeno texto intitulado “Conselhos da avozinha”. Na segunda parte, verificam-se os relatos da viagem ao Araguaia, propriamente ditos. A escritora lança mão da técnica do diário para registrar a viagem que ela e sua família fizeram da cidade de Goiás até a vila de Leopoldina, hoje Aruanã, na margem direita do Araguaia, rio que divide os Estados de Goiás e Mato Grosso. O que se faz, hoje, em menos de três horas fez-se, no início do século XX, em 18 dias, como se vê pelas marcações ao longo do texto publicado. Por meio das anotações do diário, o leitor fica sabendo das dificuldades da viagem a cavalo, com as paradas para o almoço e, sobretudo, para o pernoite, quase sempre na beira de um rio. As anotações ainda que de caráter primário, fornecem informes importantes sobre a vida, a fauna e a flora de uma região que já estava sendo devastada para a implantação de lavouras e para a criação do gado. Merecem atenção especial as anotações do dia 11 de setembro, bem próximas a um relato etnográfico, no qual a autora relata seu encontro com os Carajás.

Na última parte do livro, há um conto, cujo título é “Écide”, nome de sua filha mais velha. Gilberto Mendonça Teles, no seu livro *A poesia em Goiás*, informa-nos que as primeiras tentativas de conto registradas em seu

12 *Idem, ibidem*: 33.

13 *Idem, ibidem*: 34.

14 *Idem, ibidem*: 10-3

Estado datam de 1900. Era o tempo em que os causos do folclore perdiam a oralidade, concretizando-se como história escrita. É a passagem das formas simples para as literárias, como bem definiu André Jolles. Acrescenta ainda, Gilberto Mendonça Teles, que a grande maioria desta produção se perdeu, dentre os poucos que se conservaram estão os contos “Tragédia na roça”, de Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina), e “Écide”, de Eurídice Natal. Segundo o historiador do conto goiano, este conto “não possui maior interesse nem mesmo cronológico, uma vez que, escrito em 1904, só foi divulgado em 1939”¹⁵. Na verdade, se há algum mérito em “Écide”, está no fato de ter sido escrito por uma mulher que agitava os meios literários da pacata Goiás, tanto que a escritora/narradora, em algumas passagens, critica a educação dada às jovens da época e o direito que se arrogava os pais de escolher o marido das filhas.

Écide, a personagem principal, expõe a um interlocutor, um tio – que só se revela ao fim da narrativa –, suas impressões acerca da trajetória de vida que uma jovem de dezesseis anos levava no campo, e sua posterior transferência para a cidade de Goiás, a então capital do Estado. A educação que Écide recebera era

uma educação mui diversa da que se costumava dar às raparigas entre nós.

A sua instrução está quase terminada. É inteligente bastante para adquirir logo os hábitos sociais, que, até aqui, lhe têm faltado por completo.

A mamãe concordou. Era verdade; nunca a levava a festa alguma, por mais íntima que fosse, e, de um grande baile, só fazia idéia pela leitura nos romances.

E, orgulhosa, a mamãe acrescentou: “É que figura não fará na sociedade a nossa encantadora filha! Com a educação que tem, a quantas, na sua idade, não suplantará?”¹⁶

Pelo que se vê, Eurídice Natal e Silva é mais um talento feminino que, no interior do Brasil, com muita leitura romanesca, não teve, apesar da boa educação, a oportunidade de desenvolver a sua força criadora. A vocação para as letras, porém, foi legada à neta Moema de Castro, que, da avó, se lembra com saudade:

Corroborando este traço hereditário, ao redigir estas observações, vem-me à memória, aureolada pela saudade, a cabecinha totalmente branca de Eurídice, curvada sobre os livros, ensinando a este ou àquele neto – a mim, foi que me iniciou na alfabetização, no gosto pelo teatro e pela música – como terei ocasião de mostrar, no final desta

¹⁵ *O conto brasileiro em Goiás*. Goiânia: UCG, 2007 p.43.

¹⁶ Conferência proferida por Moema de Castro Silva Olival em 7 de outubro de 2004.

matéria, ao transcrever o meu texto, em sua homenagem, impresso na *Folha de Goiás*. Também, lembro-me de que sempre cuidou da alfabetização de secretária doméstica ou de auxiliares necessitados.

Em *Coletânea*, onde se encontram reunidas obras de Eurídice Natal, a autora, Eurídice Silva Juliano faz um depoimento sobre a mãe, esclarecendo-nos acerca da vida e da personalidade da escritora. É, também, Moema de Castro e Silva Olival que nos reproduz alguns trechos do referido depoimento:

Quando já havia criado todos os filhos, tomou, novamente, aulas de canto com uma professora recém-formada e que chegou para residir em Goiás: dona Iolanda N. Sócrates. Nunca abandonou seus estudos de canto e piano; 'A música eleva a alma', esse o seu dogma'. [...] Como tinha ela uma intuição de psicologia! Vivendo num meio bastante acanhado, tinha idéias que, hoje, são apregoadas pelos higienistas e psicólogos. Dizia: nunca se força uma criança, nem se deve castigá-la fisicamente. Trate-a com muito amor e carinho. Confie, sempre, nela; isto lhe dará noção de responsabilidade. Era adepta, incondicional, dos banhos frios, da ginástica, do esporte, que se refletem na mente, tornando-a sadia; das roupas leves, próprias para nosso clima. Uma de suas aspirações era ser eleita prefeita de Goiás, (talvez num repto às potencialidades de sua condição de mulher), quando tivesse 55 anos. A família estaria criada e, ela, suficientemente amadurecida para administrar sua terra natal que tanto amava. Infelizmente, não se realizou esse sonho. Tudo que ela se dispunha a fazer levava até o fim, custasse"¹⁷.

¹⁷ *Idem, ibidem.*



Referências

Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça

A redenção. Rio de Janeiro: Tipografia do Apóstolo, 1875¹⁸

Artigos e poemas esparsos nos periódicos *Jornal das Famílias* (1869) e *O Domingo* (1874), do Rio de Janeiro.

Bibliografia sobre:

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Análise e conclusões*. Estudos sobre autores goianos. Goiânia: São Paulo, 1988. p. 23-5.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imp. Nacional. v. 3. p. 246.

MARTINS, Mário Ribeiro. *Estudos literários de autores goianos*. Anápolis: Fica, 1995. p. 222.

Eurídice Natal Silva

Traços biográficos de Guimarães Natal. Goiás: Popular, 1937.

Notas de viagem ao Araguaia. Goiânia: Popular, 1939. Traz o conto “Écida”.

Bibliografia sobre:

ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER. Rio de Janeiro: Livr. Garnier, 1906. p. 415.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 57.

CARNEIRO, Belkiss Spencièrre. Discurso de Posse na Cadeira nº 31 da Academia Goiana de Letras.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. Rio de Janeiro: Escrituras, 2002.

Coletânea: antologia da produção literária de Eurídice Natal. Organizadas por Eurídice Silva Juliano. Mimeografada,

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Global, 2001, v. 2, p. 1136.

FLEURY, Rosarita. Eurídice Natal e Silva: evolução cultural e sociológica de uma vida. Discurso de posse na Academia Goiana de Letras.

FOLHA DE GOIÁS. Goiânia, 11 jan. 1970. Edição Cultural nº 22. Depoimentos dos primeiros descendentes em cada geração: Colemar Natal e Silva, filho; Moema de Castro e Silva (neta) e Ana Maria de Castro e Silva Olival, bisneta.

FRANÇA, Basileu Toledo. *Cadeira nº 15*. Contribuição ao estudo da literatura em Goiás. Goiânia: Oriente, 1971.

JORNAL DE GOIÁS. Goiás, outubro 1904.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. Em busca da verdade histórica. *Opção*, 1996.

_____. Eurídice Natal e Silva: cem anos de fundação da Academia de Letras de Goiás. Palestra proferida na Academia Goiana de Letras, em 7 de outubro de 2004.

RASSI, Lygia de Moura. Discurso de posse na Cadeira nº 11 da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

TELES, Gilberto Mendonça. *O conto brasileiro em Goiás*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969.

_____. *A poesia em Goiás: estudos goianos-I*. Goiânia: UFG, 1983.

TELES, José Mendonça. *Dicionário do escritor goiano*. Goiânia: Consorciadas. 2000.

¹⁸ Veja-se a nota 2, *supra*.